



A ESCALADA ENQUANTO ESPAÇO/TEMPO DE LAZER DE MULHERES EM GOIÁS (BRASIL)

Laleska Lopes Guiotti¹
Humberto Luís de Deus Inácio²

RESUMO

Este texto apresenta a relação que mulheres escaladoras do estado de Goiás estabelecem com o fenômeno do 'lazer'. Para levantamento dos dados foi utilizado um questionário na plataforma *Google Forms*, respondido por e-mail por 25 escaladoras. Os resultados mostram que a opção pela escalada como prática corporal está baseada na busca pela ocupação do tempo de lazer com uma prática que se dá, fundamentalmente, em espaços mais naturais e menos urbanos, pela sociabilidade produzida nestes espaços, e ainda por: diversidade da prática, aventura, esforço físico e mental, possibilidade de viajar, ferramenta de transformação pessoal, mudança de hábitos e incentivo a uma vida saudável, autossatisfação e autoestima.³

Palavras-chave: Lazer; Escalada; Mulheres; Natureza.

CLIMBING AS A LEISURE SPACE/TIME OF WOMEN IN GOIÁS (BRAZIL)

ABSTRACT

This text presents the relationship that female climbers in the state of Goiás establish with the phenomenon of 'leisure'. To this end, a questionnaire was created on the Google Forms platform, answered via email by 25 climbers. The results show that the option for climbing as a bodily practice is based on the search for occupying leisure time with a practice that takes place, fundamentally, in more natural and less urban spaces, due to the sociability produced in these spaces, and also due to: diversity of practice, adventure, physical and mental effort, the possibility of traveling, a tool for personal transformation, changing habits and encouraging a healthy life, self-satisfaction and self-esteem.

Keywords: Leisure; Climbing; Women; Nature.

¹ Mestre em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás. Licenciada em Educação Física pela mesma universidade. E-mail: laleskaguiotti@gmail.com

² Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciado em Educação Física pela mesma universidade. E-mail: betoinacio@ufg.br

³ Este texto se origina da dissertação 'As relações de gênero na prática da escalada em Goiás'. Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás. 2023.

LA ESCALADA COMO ESPACIO/TIEMPO DE OCIO DE MUJERES EN GOIÁS (BRASIL)

RESUMEN

Este artículo presenta la relación que mujeres escaladoras de la provincia de Goiás (Brasil) establecen con el fenómeno ‘Ocio’. Para esto, fue utilizado un cuestionario en la plataforma *Google Forms*, contestado por correo electrónico por 25 escaladoras. Los resultados enseñan que la elección por la escalada en cuanto una práctica corporal está basada en la búsqueda por la ocupación del tiempo de ocio como una práctica que se pasa, fundamentalmente, en espacios más naturales y menos urbanos, por la sociabilidad producida en estos espacios, y más: diversidad de la práctica, aventura, esfuerzo físico y mental, posibilidad de viajar, herramienta de transformación personal, cambio de hábitos e incentivo a una vida saludable, autosatisfacción y autoestima.

Palabras clave: Ocio; Escalada; Mujeres; Naturaleza.

INTRODUÇÃO

Debates sobre a crescente busca pelas práticas corporais de aventura (PCA) nos espaços urbanos e naturais têm se ampliado no meio acadêmico; nesse rol, entre outras PCA, a escalada vem ganhando destaque.

A prática de escalada cresce significativamente no estado de Goiás, tanto no meio natural - em formações rochosas, como no urbano – em paredes de escalada artificiais *indoor* localizadas em academias especializadas.

No estado de Goiás, atualmente, há quatro academias de escalada *indoor* em Goiânia, uma em Aparecida de Goiânia e uma em Anápolis; e algumas formações rochosas para a escalada *outdoor* no Parque Estadual Serra dos Pirineus (PESP), entre Cocalzinho e Pirenópolis; nos municípios de Belchior e Água Fria; e os locais Morro do Macaco, em Pirenópolis; Parque Nacional da Chapada do Veadeiros em Alto Paraíso; a Cidade de Pedra em Cocalzinho; os Três Picos, também em Pirenópolis; além de outros municípios como Iporá, Niquelândia, Bonfinópolis e Goianésia.⁴

Segundo Scopel (2020) a escalada é o resultado de escalar; uma movimentação que leva ao topo de algum lugar ou coisa. O ato de escalar remete a subir em montanhas, paredes, rochas, caracterizado pela ‘conquista’ dos espaços verticais.

Nesse trabalho abordarmos especificamente a escalada esportiva e a modalidade *Boulder*, por serem os tipos de escalada que mais estão presentes nas academias e nos espaços

⁴ Informações fornecidas por um instrutor e praticante de escalada há 15 anos - José Antônio Cândido da Costa, também conhecido por Zé. O mesmo é instrutor de escalada há 6 anos na academia *indoor* mais antiga do estado de Goiás.

naturais, permitindo abranger um percentual maior de praticantes/sujeitos do estudo. Nesse sentido, podemos ressaltar que a participação de mulheres vem crescendo, inclusive em espaços que, há alguns anos, nem se imaginava sua presença.

Um bom exemplo desse avanço é o festival feminino de escalada que acontece anualmente na cidade Cocalzinho de Goiás, no estado de Goiás, desde 2012 - o 'Cocalcinhas', o qual se consolidou em 2016 como o maior festival feminino do Brasil, além de acontecer num dos melhores picos de *Boulder* do Brasil, no PESP.

Frente a este contexto, nossa pesquisa objetivou identificar o perfil das escaladoras goianas, buscando traçar um retrato desta dinâmica que é social, econômica e cultural, entre outras dimensões, nas suas relações com o lazer.

FUNDAMENTAÇÃO

A escalada em Goiás está organicamente entrelaçada com elementos da escalada no Distrito Federal, tendo sido influenciada diretamente pela prática naquele território.

Em Brasília - Distrito Federal, está sediada a principal e mais antiga associação responsável pela escalada no estado de Goiás e Distrito Federal - Associação de Escalada do Planalto Central (AEP), fundada em 22/11/2011.

Já, em Goiás, são duas associações: Associação de Escaladores da Serra dos Pirineus (AESP) e a Associação de Escaladores da Chapada dos Veadeiros (AECV). A AESP, recém-fundada em 21/04/2021, desenvolve um trabalho na Serra dos Pirineus, aliada às prefeituras de Pirenópolis, Cocalzinho e Corumbá de Goiás, reconhecendo o potencial internacional da escalada na região; a associação é membro do Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente de Pirenópolis.

É importante frisar que o estado de Goiás não tem uma federação própria.

Entre os principais locais de escalada *outdoor* estão o município de Água Fria, com as paredes rochosas de Belchior, o Parque Estadual dos Pirineus localizado no município de Pirenópolis, e a cidade de Cocalzinho de Goiás, com formações que permitem a prática da modalidade *boulder*.

No Parque Estadual dos Pirineus há o Morro do Cabeludo, que é o maior afloramento de rocha quartzítica do local e, até algum tempo, era o principal *point* de escalada esportiva da região.

Durante a fase de estudos para criação do plano de manejo do parque, se descobriu

que uma águia chilena estava usando o equilíbrio dessa região para se reproduzir, e foram proibidas as escaladas no Morro do Cabeludo, sob a pena de multa e apreensão de equipamento.

A partir dessa proibição os/as escaladores/as passaram a explorar outro tipo de escalada, o *boulder*, o qual passou a se desenvolver significativamente desde 2003.

Segundo o site www.8a.nu⁵ Cocalzinho está entre as primeiras regiões no mundo com ascensão em Boulder, com aproximadamente 27.907 ascensões e 434 vias.

Práticas corporais de aventura

Balizamos-nos aqui pelo conceito de Práticas Corporais ao invés de atividade física, porque esta última nos remete a uma compreensão restrita de humano, limitada a uma concepção biologicista; enquanto a primeira possibilita um entendimento mais ampliado das múltiplas dimensões humanas, referindo- respeito às manifestações culturais que, mediante experiências, possibilitam a emancipação humana e social por meio de elementos como o cuidado de si, o bem-estar, a autoestima, a sociabilidade e a ludicidade (Inácio *et al.*, 2005. Lazzarotti *et al.*, 2010).

Desde o conceito de práticas corporais, chegamos ao rol das práticas corporais de aventura, com elementos peculiares como o risco e a incerteza, nos possibilita uma relação de trocas com o meio para superar a lógica de dominação da natureza (Inácio, 2014. p.533).

Destaca-se que a escalada - enquanto uma PCA, foi recentemente inserida nos Jogos Olímpicos de Verão (Tóquio, 2020), com pontuações específicas para o alto rendimento. Isto gerou maior visibilidade e divulgação – o que pode ampliar a aderência a essas práticas.

Contudo, lembramos que nosso objetivo não é observar a escalada como esporte olímpico e sim visualizar como são as relações das praticantes tanto com a própria modalidade, como entre si, para compreender o perfil das escaladoras goianenses.

Assim como Armas & Inácio (2010), consideramos as práticas corporais de aventura experienciadas na natureza como mais uma alternativa de lazer da atualidade.

Lazer

Temos em conta que nenhuma prática está descolada da realidade e que o processo de trabalho, a constituição e maneira de como o lazer contemporâneo é desenvolvido são

⁵ Acesso em 09 de abril de 2024.

fundamentais para compreendermos as relações nessa prática.

Os estudos do lazer a partir da década de 1990 começam a enxergar o processo de mercantilização desse fenômeno, pensando-o enquanto um fenômeno inacabado e em permanente transformação, diretamente ligado à produção e à reprodução do capital.

Gomes (2004) entende o lazer como uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo.

Para Mascarenhas (2005), este novo lazer vem subordinando-se diretamente à produção e reprodução do capital como forma de mercadoria, já que, anteriormente, esse fenômeno estava vinculado às necessidades da produção e reprodução da força de trabalho.

Entre estes e outros autores que se debruçam sobre este tema, nos balizamos aqui por Marcassa (2002, p.15), ao indicar que

Entender o trabalho como determinante das relações entre os homens significa compreender o tempo livre enquanto derivação de uma certa organização social, cuja manifestação depende de sua íntima vinculação a objetivação e a configuração da forma assumida pelo trabalho na sociedade concreta. Além disso, para apreender o tempo livre é preciso qualificar o que se chama de tempo de trabalho.

Estamos quase na metade dos anos 2020, e os estudos do lazer se ampliam paulatinamente; todavia, entendemos que Mascarenhas (2005), Gomes (2024) e Melo & Stoppa (2014), ainda que não tão atuais, são os autores que mais avançaram na superação/ampliação de conceitos de lazer tradicionais na Educação Física brasileira, como Dumazedier (2001) e/ou Marcellino (1998).

Importa destacar que, no debate conceitual, comungamos com Inácio (1999, p. 160), quando aponta o lazer como um espaço de “[...] contraposição à ordem hegemônica”, para emergirem valores como a “solidariedade, a cooperação e a justiça, na direção de um mundo onde a única coisa a ser globalizada deve ser a felicidade humana!”

É neste tecido social que as escaladoras goianenses ocupam parte de sua vida – no tempo livre, gerando as inquietações que originaram esta investigação.

Gênero e práticas corporais

Ainda que não seja o objeto deste texto, consideramos relevante sintetizar a questão do Gênero em sua relação com as práticas corporais/esportes (Lazzarotti *et al.*, 2010); isto porque a prática da Escalada constitui significativamente o Lazer das mulheres respondentes.

A chamada ‘primeira onda’ do feminismo surge enquanto um movimento crucial, mas especificamente encabeçado por mulheres brancas de classe média no século XIX no ocidente, na busca de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo e acesso a determinadas profissões.

Na virada do século, as manifestações contra a discriminação feminina adquiriram uma visibilidade e uma expressividade maior no chamado "sufragismo", ou seja, no movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres. Com uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda que com força e resultados desiguais), o sufragismo passou a ser reconhecido, posteriormente, como a "primeira onda" do feminismo. (Louro, 2001, p.14-15)

Já a segunda onda do feminismo tem sua origem num contexto de efervescência social; nesta segunda dinâmica o conceito de gênero é debatido e problematizado; em um movimento mais bem articulado na forma de organizações, grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, as mulheres conquistam o direito ao voto, além disso, debates também tomam espaço de livros, jornais e revistas, potencializando os primeiros estudos das mulheres dentro das universidades.

Será no desdobramento desta ‘segunda onda’ — aquela que se inicia no final da década de 1960 — que o feminismo, além das preocupações sociais e políticas, irá se voltar para as construções propriamente teóricas. No âmbito do debate que a partir de então se trava, entre estudiosas e militantes, de um lado, e seus críticos ou suas críticas, de outro, será engendrado e problematizado o conceito de gênero (Louro, 2001, p. 15).

Tendo como pontapé um estudo de mulheres e partindo tanto da análise de dados primários como de outros mais recentes baseados nos discursos das fronteiras de gênero (Louro 1997; Scott 1995), Goellner (2005) elaborou uma análise acerca da inserção das brasileiras no futebol, debatendo como a apologia da beleza e da feminilidade privam as mulheres de atividades esportivas consideradas como violentas ou prejudiciais à suposta ‘natureza feminina’. De acordo com a autora, a baixa incidência das mulheres em espaços como o futebol, para além da ausência de patrocínio, se dá por dois pontos: futebol e masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade.

Tais aspectos são alguns dos que privam a participação de mulheres em algumas modalidades, sendo que, muitas vezes, num contexto de debate histórico, surgiram outros reforços de discursos para a privação das mulheres em determinadas atividades, muitas das vezes pela vulgarização dos seus corpos em conjunto com outros fatores ou ideias como o suor excessivo; o esforço físico; as emoções fortes; a rivalidade; gestos de espetacularização;

seminudez; leveza das roupas (Goellner, 2005).

A escalada é uma prática corporal que foi desenvolvida exclusivamente por homens por muito tempo. Apenas no século XX é que mulheres são vistas praticando esta modalidade, com Annie Peck, de 58 anos, professora, atingindo o cume do Huascarán, no Peru, em 1908, passando a ser a primeira mulher a conseguir um ‘seis mil’.

Depois dela, registros importantes só vão acontecer nos 1960 e 1970 com Liz Robins sendo a primeira mulher a escalar em 6º grau em Yosemite (1960); com a escalada do monte Annapurna III, por uma expedição japonesa formada apenas por mulheres (1970), com a primeira ascensão feminina ao El Capitan (EUA), por Bev Jhonson e Sibylle Hechtel, em 1973; com a 1ª mulher – a japonesa Junko Tabei, a chegar ao cume do Everest, em 1975 e, quando somente em 1978, o clube Alpin Suisse aceita sua primeira associada.

Pesquisas recentes tratam da questão das escaladoras, mais precisamente em academias *indoor* de escalada em São Paulo e no Rio de Janeiro (Pereira, 2020), ou levantamentos sobre as mulheres que faziam parte do grupo de escalada esportiva da Unicamp (Marinho; Bruhns, 2001).

Pereira (2020), sobre as relações e tensões entre os gêneros na escalada, encontrou que algumas mulheres se sentem incomodadas com sugestões masculinas em excesso; outras afirmam que tem medo de escalar na natureza porque se sentem inseguras destoando de um grupo que diz se sentir mais seguro com a presença masculina.

Algumas acreditam que as mulheres tenham a mesma capacidade que os homens; porém, não tem a prática contínua. Apesar de certa polarização de opiniões ainda há uma relação de superioridade tanto numérica quanto de relações de poder masculina nos ambientes de escalada (Pereira, 2020).

Marinho (2001), por sua vez, apresenta relatos de uma mulher escaladora que se questiona do porquê de outras mulheres não participarem da prática de escalada, se por medo ou porque achavam a atividade muito bruta. Apresenta também a fala de um homem escalador, o qual acredita que a mídia influencia associando a prática de escalada com força, dificuldade e perigo, inibindo a participação feminina na escalada o que reforça o estereótipo da mulher frágil.

Assim, as questões de gênero permeiam toda a trama de tecidos sociais, desde a família, até a realização de práticas corporais no tempo/espço do lazer.

Metodologia

Este estudo foi desenvolvido no âmbito da Pesquisa ‘Práticas corporais de lazer em municípios de Goiás: diagnósticos e análises’⁶, cujo objetivo é:

Diagnosticar e analisar o contexto das Práticas Corporais realizadas pela população goiana em seu tempo livre - Lazer, objetivando proposições de políticas públicas administrativas, legais e educacionais, bem como setoriais, balizando e balizado pelo desenvolvimento de projetos científicos, educacionais e de extensão. (Inácio, 2021).

Referenciada nas Ciências Humanas e Sociais, adotamos uma abordagem qualitativa, buscando aprofundar a compreensão dos fenômenos que se estudam.

Indicamos ainda uma replicação, em parte, da metodologia utilizada no DIESPORTE - Diagnóstico Nacional do Esporte (Brasil, 2015): questionários [presenciais e/ou virtuais], devidamente adaptados e validados para a realidade goiana e flexível em função das especificidades do contexto da Escalada.

Todavia, haja vista nossa especificidade, utilizamos também Observações *in loco*, com registros de campo (diário, fotografias, vídeos) e questionários com escaladoras que escalam e participam de eventos em Goiás.

A pesquisa contou com um grupo de 25 respondentes nos questionários, e cerca de 70 mulheres foram observadas nos eventos; nos ambientes *indoor* passaram aproximadamente 20 escaladoras durante a observação; as mulheres respondentes da pesquisa tinham entre 18 e 63 anos e recebiam em média de 1 a 3 salários-mínimos de salário. O recorte aqui apresentado tratará apenas das mulheres respondentes ao questionário. Os critérios de inclusão foram: ser maior de idade e escaladora com residência no estado de Goiás. Os questionários – elaborados na plataforma *Google Forms*, foram enviados via e-mail das escaladoras, obtidos junto às associações.

Para o tratamento dos dados, foram inseridos em plataforma de tratamento estatístico para totalização e leitura estatística dos números e geração de gráficos, o que contribuiu para as análises qualitativas.

Posteriormente, os dados foram analisados à luz da metodologia ‘Análise de Conteúdos’ (Bardin, 1977), configurando nossa pesquisa como descritivo-analítica. Aqui utilizamos a plataforma NVivo 10[®], de apoio às análises de conteúdo.

⁶ Coordenado pelo Prof. Dr. Humberto Luís de Deus Inácio (FEFD/UFG), foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFG com o número CAEE 40174920.2.0000.5083.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados foram divididos em três eixos analíticos: Relação pessoal com a escalada; políticas públicas e escalada; mulheres e escalada.

Nas questões referentes à relação pessoal com escalada e às práticas corporais em geral, perguntamos:

1) Além da escalada, que outras práticas corporais você realiza?

Quase a metade das mulheres (11) respondeu que praticam Yoga; 4 que fazem musculação (treinamento resistido). 07 fazem *crossfit* e/ou Funcional. Também foram citadas as práticas de *slackline* (03), e esportes aquáticos, trilha, pilates, *skate*, *roller*, remo, calistenia, capoeira, corrida, voleibol, caminhadas na natureza e combate a incêndios florestais aparecem com 2 ou 1 citação.

Interessante notar que a Yoga, enquanto uma prática corporal chamada de Integrativa e/ou Alternativa, que pode ser relacionada (mesmo que num imaginário social) com estilos de vida mais saudáveis do que a correria da vida urbana, somada a caminhadas na natureza e trilha, está bem presente.

2) Quando você pensa em esporte, qual a primeira imagem que lhe vem à mente?

Escalada foi a resposta predominante (7), seguida por natureza e paisagem *outdoor* (2), além de montanhas, pedra, olimpíadas, educação física, atividade ao ar livre, atletas treinando e competindo, bola de vôlei, corpo em movimento, futebol, lazer, *trekking*. Outras mulheres pensam em prazer e felicidade.

3) E quando você pensa em Atividade Física, o que lhe vem à mente?

Houve 6 citações para academia, musculação e/ou halteres. Outras responderam escalada, e algumas especificaram a modalidade *outdoor*. Também obtivemos: pedal, trilhas, ar livre, liberdade, prazer, qualidade de vida. Uma resposta curiosa foi “uma mulher *outdoor*”.

As perguntas 2 e 3 corriam o risco de serem compreendidas como iguais; contudo as respostas nos mostraram que não. Enquanto as respostas da questão 2 se situaram mais em termos esportivos: escalada, treino, olimpíadas, vôlei, futebol etc., as respostas da questão 3 remeteram a práticas *fitness*. É interessante observar que debates/distinções conceituais tão presentes no seio acadêmico, parecem estar consolidadas no senso comum.

4) Quantas vezes por semana você pratica escalada?

Seis mulheres praticam a escalada 3 vezes por semana, a maioria pratica 2 ou 1 vez, e apenas 3 disseram praticar 5 vezes ou mais.

As respostas a esta questão precisam estar ligadas à condição socioeconômica das mulheres: as que escalam mais vezes, o fazem em academias privadas, pagando por isso. As que escalam menos, ou só têm condição de pagar por uma vez na semana ou são as que conseguem se deslocar aos locais de escalada *outdoor*. Infelizmente, não nos foi possível aprofundar isto. Todavia, a pergunta a seguir dá outras indicações.

5) Geralmente você pratica a escalada em local público ou privado?

A maioria das mulheres pratica em ambos, mas foi possível observar que preferem local público - não por esta característica, mas por ser *outdoor*.

Estas respostas, ao mesmo tempo em que remetem à questão anterior, também estão alinhadas com o local de residência próximo aos *points* naturais – notadamente Goiânia e Pirenópolis. Na mesma direção, a pergunta 6 nos trás mais elementos que conectam escalada e natureza.

6) Por que você escolheu praticar a escalada?

As mulheres, em sua maioria, responderam que escolheram praticar a escalada pelo fato de que ela proporciona uma “conexão com a natureza”.

Pensando nessa conexão com a natureza, Silva *et al* (2018) refletem sobre a busca de sentidos nas práticas nos meios naturais:

A mulher, ao buscar pelos esportes vivenciados na natureza, não está à procura de atos heroicos como a maioria dos homens, embora as práticas, em sua grande maioria, envolvem desafios, esta, segundo Kruger (2016), busca por sentidos e crescimento interior, que são transformados e incorporados, reverberando em atitudes positivas (Silva et al. 2018, p.165).

Contraditoriamente, nossas respostas mostram que o mesmo número de mulheres respondentes também optou pela escalada por conta do ‘desafio’.

As outras justificativas mais utilizadas são “por curiosidade” ou “um amigo/irmã me apresentou”. “A escalada que me escolheu” aparece significativamente e aponta uma reflexão sobre como a escalada se torna um ‘estilo de vida’ como já citado em respostas anteriores.

Outras respostas se referiram aos seguintes aspectos: diversidade da prática; aventura; esforço físico e mental; possibilidade de viajar; escalada enquanto ferramenta de

transformação pessoal; mudança de hábitos e incentivo a uma vida saudável; satisfação; autoestima; concentração e atenção; por não haver compromisso com horário e ser algo sempre disponível, e, pela espiritualidade. Chamaram nossa atenção duas respostas relacionadas a relacionamentos afetivos: Porque o ex-marido começou a escalar ou por término de namoro; mas também não foram exploradas neste estudo.

7) Qual seu grau de escalada à vista?⁷

13 mulheres responderam que escalam à vista a graduação V7 em diante. Em seguida, 06 responderam V6 e V6 sup. Outras disseram que escalam V3, V2 e V4, e duas disseram ser iniciantes.

O grau de escalada à vista nos traz elementos para compreender o perfil das mulheres escaladoras respondentes da pesquisa: as que escalam há mais tempo, primeiramente, compreendem o termo ‘escalada à vista’, e também são as que dizem conseguir escalar vias de maior grau de dificuldade (6, 7 ou mais).

8) Você é filiada a alguma associação ou clube?

17 entre as 25 não são associadas a clubes ou associações; as outras 8 mulheres são associadas nas associações já citadas - AESP, AEP e ABEE.

Este dado reflete uma realidade conhecida entre quem escala: poucas são as pessoas filiadas; geralmente, escaladoras/es que competem o são, e quem escala ‘por lazer’, não – sendo este um quantitativo bem superior ao primeiro.

9) Para você a escalada está relacionada com um momento de lazer? Por quê?

A maioria das respondentes associa a escalada ao lazer. Algumas mulheres respondem que sim e que não, que “depende”. E uma minoria disse que a escalada está mais relacionada a um estilo de vida.

É importante refletir com quais questões a palavra lazer foi associada, como trabalho, alívio de stress, esporte, socialização, estilo de vida e prazer, remetendo-nos a uma compreensão psicológica-individual do lazer, que varia de acordo com as vivências/experiências de cada uma – o que confronta com conceitos mais estruturais/amplos.

⁷ Escalar à vista significa completar uma via inteira, na primeira vez que tenta, sem planejamento ou tentativas prévios. Grau de escalada à vista é a percepção do maior grau de dificuldade de uma via que a escaladora acha que consegue completar em sua primeira tentativa.

Boa parte das respondentes que associou lazer e trabalho, o fez porque são escaladoras profissionais: atletas ou instrutoras.

Algumas escaladoras apontaram que a escalada é um estilo de vida e não necessariamente lazer, como se pode ver aqui: “Escalada é estilo de vida. Não tem como separar ela como lazer. É bem mais profundo que isso.”

Brunhs (2007, p. 12) aponta que as PCAs estão atreladas a vários fatores, “[...] onde a natureza é utilizada como denominador comum, respondem a opções atreladas a vários fatores, como a aquisição de imagens através da compra de um sistema de signos (estilo de vida envolvendo aventura, desafio, risco, natureza)”.

Outra escaladora aponta o lazer como um espaço-tempo de aliviar o stress e fazer novas amizades: “Sim, momento de lazer porque é onde faço amizades, é *vibe* da galera, é massa, além de tudo ainda pratico uma atividade física que acho gostosa de fazer. E também ajuda a aliviar o stress e esvaziar a mente”. Importante nessa fala é o significado de lazer atribuído pela respondente, com características de atividades desinteressadas, autônomas e voluntárias.

O lazer também aparece como esporte e uma possibilidade de socialização: “Sim, esporte promove integração e socialização que são atividades ligadas ao lazer - na minha opinião”. Essa escaladora nos faz pensar como o próprio esporte está ligado à cultura, e o lazer está inserido no mesmo rol. Como bem pontuou Gomes (2004, p.123): “O lazer é uma das importantes dimensões da cultura, assim como o trabalho, a educação, a família, dentre outras”.

Outra concepção de lazer apresentada pelas escaladoras é a que o conecta com o prazer e a satisfação individual: “Lazer me causa prazer”. Mascarenhas (2005) vai abordar sobre a dimensão subjetiva do lazer:

Ao concebermos o lazer restritamente em sua dimensão subjetiva, encarando-o sob o enfoque privilegiado da atitude, este se constitui como a vivência de um estado subjetivo de liberdade em que predomina um tipo de relação onde o sujeito se coloca em atividades cujas finalidades esgotam-se em si mesmas, sempre marcadas pelo prazer e pela satisfação resultante da escolha individual ou do livre arbítrio inerentes à fruição que se experimenta (Mascarenhas, 2005 p.8).

Outra palavra que apareceu muito nas respostas foi “natureza”, e natureza foi colocada enquanto algo prazeroso e fora das obrigações, o que é bastante atraente e persuasivo nas PCAs. Sendo assim a escaladora nos expõe: “Sim, a escalada é como um *hobby* na minha vida hoje. Faço quando quero me desconectar do trabalho e do estudo, e para me conectar comigo e com a natureza”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi pautada pelo método analítico descritivo e objetivou identificar o uso da escalada no lazer de mulheres. Legitimado como um direito de todas e todos, o lazer e as suas possibilidades estabelecem uma relação direta com os marcadores sociais de classe, gênero e idade.

Os dados nos fizeram inferir que Gomes (2004) acerta ao indicar que em nossa sociedade todas as dimensões que a compõem estão conectadas, não havendo fronteiras absolutas entre elas, tal qual lazer e trabalho.

Podemos inferir também que as mulheres se mostram enquanto um coletivo muito próximo do conceito de “tribos urbanas”, de Maffesoli (1998), o qual afirma que as pessoas se aproximam por identificações comuns a elementos da cultura e rituais nos quais se expressam valores e estilos de vida, música, lazer típico, moda. Aproveitamos aqui para trazer um dado de nossas observações de campo, quando constatamos que as escaladoras observadas tinham características físicas e vestimentas e ‘jeitos de ser’, muito similares.

A natureza se apresenta para essas mulheres como conceito de liberdade, autoconfiança, sensibilidade ao meio ambiente, aventura, desafio, conexão.

Sobre o tema aqui relatado, as escaladoras em sua maioria acreditam que a escalada está vinculada a um momento de lazer; associam esse período ao tempo de pós-trabalho, de esportes proporcionando a socialização, de atividades voltadas para o sujeito em si e para sua satisfação pessoal, e da prática de escalada na natureza tratando muitas das vezes a escalada *indoor* como algo dentro do rol das obrigações.

Ampliando nossa conclusão, asseveramos que, mesmo com todas as intempéries e questões estruturais é evidente que a participação de mulheres na escala cresceu de maneira significativa nos últimos anos em Goiás; atualmente hoje é extremamente comum as mulheres saírem ‘em bondes’ para escalar, organizar eventos de escalada de mulheres, e as mesmas se fortalecem, criam campeonatos com categorias mais abertas para que as iniciantes façam parte desse espaço, trabalham o autocuidado e confiança e mesmo que essas questões ainda permeiem esses espaços as mulheres praticantes não se deixam ser silenciadas e acolhem umas às outras.

É na prática de escalada que essas mulheres compartilham uma série de experiências e conexão com a natureza, reforçam relações de cuidado e fruição com o meio; esses espaços estão caracterizados como acolhedores e libertários onde as mulheres afirmam se sentirem

livres sem precisar se preocupar em exercer algum papel, trabalhando a autoconfiança e a construção de um espaço mais acolhedor em comunidade.

Nossa experiência pessoal com esta prática corporal nos permite dizer que a adesão das mulheres na escalada acontece de maneira diferente de outras práticas, pois há uma quantidade grande de mulheres escalando, e uma grande quantidade destas mulheres com bom desempenho. Em Goiás, se você buscar referências de boas e bons escaladoras/es na faixa dos 25-30 anos, quem melhor escala é uma mulher; inclusive a primeira mulher a escalar Boulder uma via V12 no Brasil.

REFERÊNCIAS

ARMAS, Camila S.; INACIO, Humberto L. D. Seres humanos e natureza: O lazer como mediação. **Revista Licere**, v. 13, p. 01/02, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Diesporte Diagnóstico Nacional do Esporte**. Brasília. Caderno 01, 2015.

BRUHNS, Heloisa T. Lazer e meio ambiente: a natureza como espaço da experiência e meio ambiente. **Conexões**, Campinas, SP, v. 1, n. 3, p. 7–26, 2007.

DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2001.

GOELLNER, Silvana V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005

GOMES, Christianne L. (Org.). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 133-141. 2004.

INÁCIO, HUMBERTO L. D. et al. Bastidores das práticas corporais de aventura na natureza. In. SILVA, Ana M; DAMIANI, Iara R. **Práticas corporais: experiências e educação para uma formação humana**. Florianópolis: Nauemblu Ciência & Arte , v. 3. p. 35-61, 2005.

INÁCIO, Humberto L. D. Práticas corporais de aventura. In: GONZÁLEZ, Fernando G.; Fensterseifer, Paulo E. **Dicionário Crítico da Educação Física**. São Paulo. Editora Unijuí, 2014.

INÁCIO, Humberto L. D. **Plano de Pesquisa**. Universidade Federal de Goiás. Emitido em 26/04/2021. (*mimeo*)

LAZZAROTTI FILHO, Ari.; SILVA, Ana M.; ANTUNES, Priscila de C.; SILVA, Ana P. S. da; LEITE, Jaciara O. O termo práticas corporais na literatura científica brasileira e sua repercussão no campo da educação física. **Movimento**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 11–29, 2009. DOI: 10.22456/1982-8918.9000. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/9000> . Acesso em: 12 set. 2024.

LOURO, Guacira L. Teoria Queer – Uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro. 2ed. Forense Universitária, 1998.

MARCASSA, Luciana. **A invenção do lazer: Educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo (1888-1935)**. 2002. 204 f. Dissertação de Mestrado (Educação) Universidade Federal de

Goiás, Goiânia, 2002.

MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer**. 2005. 308 f. Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2005.

MARCELLINO, Nelson C. Lazer, concepções e significados. **LICERE** - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, 1(1). <https://doi.org/10.35699/1981-3171.1998.1555>

MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa T. Escalada urbana: faces de uma identidade cultural contemporânea. **Movimento**. v. 7, n. 14, p. 37 - 48, 2001.

MELO, Victor A. de. STOPPA, Edmundo de D. A. **Introdução ao Lazer**. Campinas. Editora Manole, 2012.

PEREIRA, Dimitri W.; SOUTO MAIOR, Yasmin B.; RAMALLO, Bianca T. Perfil das mulheres escaladoras brasileiras, entre homens e montanhas. **Movimento**. v. 26, p. e26077, jan./dez. 2020.

SCOTT, Joan. **Gender on the Politics** 01 History. New York: Columbia University Press, 1988 (p.28-50). Tradução de Guacira Lopes Louro, versão em francês. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva, de acordo com o original em inglês.

SILVA, ANA M; DAMIANI, IARA R. As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. In. SILVA, ANA M; DAMIANI, IARA R. **Práticas corporais: gênese de um movimento investigativo na educação física**. v. 1. Florianópolis: Nauembru Ciência & Arte, 2005.

SILVA, ANA M. Entre o Corpo e as Práticas Corporais. **Rev. Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro, Edição Especial, v. 10, n 1, p. 5-20, jan/jun, 2014.